



METODOLOGIAS ATIVAS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL I: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O USO DO *SMARTPHONE* NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

CÉLIA APARECIDA REGINATO¹
PAULO ALEXANDRE FILHO²

DOI: [10.29327/23860.14.25-8](https://doi.org/10.29327/23860.14.25-8)

Resumo

Este estudo tem como objetivo relatar uma experiência, com a utilização de metodologias ativas, vivenciada no transcorrer das aulas de Língua Portuguesa, do ensino fundamental I, a partir do uso do *smartphone*. Na contemporaneidade, observamos o quão as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) articulam-se com a realidade que, há tempos, transforma-se em virtude dos avanços tecnológicos. Sendo assim, a escola como agência de fomento cognitivo não pode estar à parte de todo esse processo social, envolvendo, sobretudo, os *smartphones* que já fazem parte da rotina da população, principalmente, crianças e adolescentes. Dessa forma, amparamo-nos na pesquisa-ação como metodologia, partindo de uma breve revisão de literatura para, na sequência, descrevermos sucintamente o desenvolvimento do trabalho, envolvendo as metodologias ativas e o uso do *smartphone*. Partimos da hipótese de que esse recurso atrelado à escolha teórico-metodológica pode elevar o nível de engajamento dos estudantes, bem como os resultados de aproveitamento.

Palavras-chave: Metodologias Ativas. *Smartphone*. Ensino fundamental. Língua portuguesa.

ACTIVE METHODOLOGIES IN PORTUGUESE LANGUAGE CLASSES OF ELEMENTARY EDUCATION I: AN EXPERIENCE REPORT ON THE USE OF *SMARTPHONE* IN THE TEACHING AND LEARNING PROCESS

¹ Mestranda em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus de Marília/SP. Possui Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus de Marília/SP (2001). Possui Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* - Especialização em Coordenação Pedagógica pela Universidade Federal de São Carlos em parceria com o Ministério da Educação - Programa Escola de Gestores da Educação Básica (2016). Especialização Pós-Graduação *Lato Sensu* em Gestão e Docência na Educação Básica pela Universidade Santa Cecília em parceria com o IFGE - Instituto de Formação e Gestão Educacional (2013); Habilitação Específica de 2º Grau para o Magistério pelo Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento para o Magistério - CEFAM (1994).

² Possui graduação em Letras - Alemão pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP - Câmpus de Assis. Mestrado em Letras, na área de concentração de Linguagens e Letramentos, pela UNESP - Câmpus de Assis. Atualmente, professor efetivo do Quadro de Magistério, na Secretaria Estadual de Educação - SP, para o componente curricular de Língua Portuguesa. Doutorando em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP - Câmpus de Marília. Desenvolve seu doutorado na linha de pesquisa Teoria e Práticas Pedagógicas em que a tese focaliza os estudos de natureza teórico - metodológica, relacionando-se com as diversas áreas do currículo da Educação Básica e Superior, em especial, com a Didática, a Metodologia, a Psicologia, a Linguística e as políticas educacionais no Brasil. Participa do grupo de pesquisa TECLIN - Tecnologias, Culturas e Linguagens, coordenado pelo professor Dr. Fábio Marques de Souza (UEPE). Tem experiência na área de Linguagens e Letramentos.



Abstract

This study aims to report an experience, with the use of active methodologies, experienced in the course of Portuguese language classes of elementary school I from the use of *smartphones*. Nowadays, we observe how digital information and communication technologies (TDIC) are articulated with the reality that, for some time, has been transformed by virtue of technological advances. Thus, the school as a cognitive development agency cannot be apart from this entire social process, involving, above all, smartphones that are already part of the population's routine, especially children and adolescents. Thus, we rely on action research as a methodology, starting from a brief literature review and then briefly describing the development of the work, involving active methodologies and the use of smartphones. We start from the hypothesis that this resource linked to the theoretical-methodological choice can raise the level of engagement of students, as well as the results.

Keywords: Active Methodologies. *Smartphone*. Elementary School. Portuguese language.

1 INTRODUÇÃO

Este relato é fruto de uma experiência vivenciada durante as aulas de Língua Portuguesa, no Ensino Fundamental I, tendo as metodologias ativas como suporte teórico-metodológico e o *smartphone* como recurso pedagógico, no ano de 2019, portanto, anterior ao contexto de pandemia. De início, faz-se necessário descrever brevemente a escola onde se deu o desenvolvimento deste trabalho, uma vez que acreditamos que cada realidade traz consigo suas peculiaridades que devem ser tomadas como base para reflexão de cada sujeito quando confrontado com realidades específicas de diferentes lugares.

A unidade escolar localiza-se no interior de São Paulo e faz parte da rede municipal de educação. Os alunos são do 5º ano do ensino fundamental I, e grande parte deles apresenta dificuldade de leitura e escrita, demonstrando pouco engajamento com as atividades propostas. Quanto à infraestrutura, a escola não possuía número suficiente de computadores e internet com sinal estável a ponto de promovermos atividades mais longas e com toda a classe que era composta por 28 alunos.

No transcorrer do primeiro bimestre, pudemos comprovar as dificuldades dos alunos por meio de avaliação diagnóstica, estudo das fichas de acompanhamento individual de cada um e compartilhamento de experiências com a professora deles no 4º ano. Durante essas reuniões de formação, a professora do ano anterior sempre me relatava que apesar das defasagens apresentadas pela turma, o que mais lhe preocupava era a apatia desses estudantes que, na maioria das vezes, não se mostravam interessados ou desafiados durante a realização das atividades propostas.

Apesar de uma comunidade carente e com grandes vulnerabilidades socioemocionais, observei no transcorrer do bimestre que a maioria dos alunos possuía *smartphone* e, não raro, era preciso chamar a atenção deles para que não se dispersassem mexendo no aparelho. Dessa forma, notei que grande parte deles se interessava pelo uso desse recurso, porém apenas para fins de



comunicação simultânea por meio do aplicativo *WhatsApp* e acesso às redes sociais. Assim, vi nesse aparelho uma possibilidade de implementar seu uso efetivo para construção do conhecimento e promover o engajamento dos estudantes a partir das metodologias ativas.

Ao levar a proposta para a coordenadora da escola, fui muito bem acolhida e, após detalhar os acontecimentos e observações de sala de aula, ela me solicitou que compartilhasse com os demais colegas minhas ideias para que todos pudessem opinar. Para minha surpresa, grande parte dos professores, até os mais tradicionais, receberam muito bem a ideia, mas não deixaram de colocar os “contras” como, por exemplo, a possibilidade dos alunos filmarem/gravarem as aulas sem consentimento do professor, uso de internet móvel, uma vez que a escola não possuía *wi-fi* de qualidade a ponto de fornecer acesso para todos os alunos, entre outras questões.

Eu e a coordenadora tomamos nota de todas as observações das demais colegas. Na sequência, marcamos uma reunião para que juntas pensássemos em ações que pudessem solucionar ou minimizar esses entraves, pois o uso de metodologias ativas articulado às TDIC poderia oferecer bons resultados. Chegamos à conclusão de que deveríamos mandar comunicado para os pais ou responsável, esclarecendo nossos objetivos, bem como suas necessidades para a formação dos alunos e, por fim, colocando-nos à disposição para quaisquer dúvidas.

Amparamo-nos na metodologia qualitativa em que a pesquisa-ação ofereceu o suporte necessário para o desenvolvimento da prática conforme supracitado. Nesse sentido, Severo (2020, p. 2) ressalta que “dessa forma, não há mais espaço para o modelo de ensino centrado em práticas tradicionais, baseadas fortemente na pura transmissão de conteúdos sem alguma relação com a realidade e necessidades do sujeito aprendente.”

A seguir, faremos uma breve revisão de literatura em que buscamos na teoria dos multiletramentos e das metodologias ativas o aporte teórico indispensável para a elaboração de estratégias pedagógicas, bem como promover a reflexão necessária sobre a experiência aqui descrita na forma de relato de experiência. Assim, Rojo e Moura (2019) e Moran (2018) nos ofertaram os estudos acerca dos temas tratados, neste trabalho, que em nenhum momento pretendeu ser recebido de maneira a-crítica. Reiteramos que cada local tem suas especificidades e, assim, este relato além do objetivo, busca também estender as possibilidades de aplicação desse recurso e dessa metodologia.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para esta seção, procuramos subsídios teóricos nas metodologias ativas e na Pedagogia dos multiletramentos para fins de respaldar nossa prática, envolvendo o uso do *smartphone*, bem como as intencionalidades das ações e estratégias implementadas no transcorrer do processo de ensino e aprendizagem. .



Partimos da premissa de que os estudos aqui apresentados nos serviram de base para a compreensão da nossa realidade como forma de estabelecer entre teoria e prática as pontes necessárias para ressignificar nosso lugar de fala enquanto educadores e, ao mesmo tempo, promover alternativas que pudessem viabilizar nosso trabalho, à medida que os desafios iam surgindo.

2.1 A PEDAGOGIA DOS MULTILETRAMENTOS NAS PRÁTICAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Concebemos a realidade atual como um cenário repleto de tecnologias em que as pessoas passaram a depender sistematicamente de algum desses recursos para realizar suas ações do cotidiano. Se pensarmos na vivência de nossos alunos, comparando-as com aquilo que ofertamos em nossas aulas, constatamos que ainda estamos longe de atingir uma aprendizagem mais significativa e mais próxima daquilo que nos circunda.

Nesse sentido, concebemos a Pedagogia dos multiletramentos como possibilidade teórico-metodológica viável no contexto atual de educação, em que as demandas passaram a exigir das pessoas competências, não apenas instrumentais, mas também interpessoais quando se trata das TDIC. Para Rojo e Moura (2019, p. 20), “multiletramentos [...] aponta, a um só tempo, para a diversidade cultural das populações em êxodo e para a diversidade de linguagens dos textos contemporâneos, o que vai implicar, é claro, uma explosão multiplicativa dos letramentos, que se tornam multiletramentos.”

Dessa forma, notamos a necessidade da escola, enquanto agenciadora de letramento, incorporar em suas práticas a perspectiva dos multiletramentos, sobretudo, no intuito de oferecer uma educação voltada para as transformações de mundo assistidas nos últimos tempos. Trata-se, portanto, de legitimar as diferentes formas de construir sentido e valorizar as práticas sociais que agora passam a ocorrer em sintonia com a digitalidade.

Não podemos deixar de considerar todas essas transformações e, ao mesmo tempo, buscar em nossos alunos a parceria necessária para a construção do conhecimento, uma vez que eles têm muito a nos oferecer de suas experiências com os recursos digitais. Logo, o professor se torna mediador, orientando sobre as potencialidades desses artefatos e também esclarecendo o quão importante é a tecnologia para a aprendizagem quando utilizada adequadamente. Rojo e Moura (2019, p. 24) observam que “[...] o conceito de multiletramentos abre cada vez mais espaço aos conceitos de mídia e de modalidade de linguagem [...].”

Trazer para o espaço escolar uma teoria que visa à valorização das linguagens multissemióticas significa, neste momento, reformular o conceito de aprendizagem de que o conhecimento só se constrói a partir de textos canônicos ou expositivos presentes nos livros didáticos e apostilas. Ao articularmos nossas práticas levando em consideração a teoria dos multiletramentos,



estamos tornando a educação menos verticalizada e ofertando aos alunos a possibilidade de construir, por meio do cooperativismo, seu próprio conhecimento.

2.2 AS METODOLOGIAS ATIVAS COMO ESTRATÉGIAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

A concepção de aprendizagem ativa extrapola a ideia de uma educação pautada em aulas expositivas. Tornar o processo de ensino e aprendizagem ativo requer do educador novas posturas e maneiras de conceber a construção do conhecimento. Sabemos das dificuldades em nos desvencilharmos de modelos pedagógicos tradicionais em que cumprimos com a função de ensinar e o aluno de aprender como se os papéis de um e de outro fossem bem definidos e obedecessem a um roteiro com começo, meio e fim.

Para Moran (2018, p. 04), “metodologias ativas são estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes na construção do processo de aprendizagem, de forma flexível, interligada e híbrida.” Assim, podemos compreender que a educação por esse modelo de aprendizagem exige uma concepção mais reflexiva daquilo que objetivamos ao final de cada aula, bimestre ou ano letivo, uma vez que precisamos estar atentos ao percurso formativo de nossos alunos, bem como às estratégias que empregamos. Ou seja, trazer as metodologias ativas para o nosso campo de atuação exige novas atitudes frente aos inúmeros desafios que nossa profissão de educadores nos lançam no cotidiano.

As ações que implementamos em sala de aula nem sempre oportunizam aos alunos espaço para o diálogo como forma de escuta reflexiva em que eles podem inclusive externar seus pontos de vista sobre aquilo que acham relevante para sua formação. Na maioria das vezes, cumprimos com o currículo determinado pelas autoridades competentes, deixando de lado a valorização do diálogo, tornando esses estudantes pessoas silenciadas pelo sistema que busca massificar as inteligências, as competências e as relações afetivas. Moran (2018, p. 2) observa que “as metodologias predominantes no ensino são dedutivas: o professor transmite primeiro a teoria e depois o aluno deve aplicá-la a situações mais específicas.”

Não estamos aqui colocando em xeque a aula expositiva, tampouco desvalorizando o papel do professor. Pelo contrário, neste momento, buscamos estender as reflexões de modo que as crianças e jovens da atualidade possam aprender de forma mais significativa, engajando-se mais em seu percurso formativo. Desse modo, torna-se imprescindível mobilizar outras competências, tão importantes quanto aquelas de tempos em que a tecnologia ainda não havia tomado proporções como na contemporaneidade, uma vez que “os processos de aprendizagem são múltiplos, contínuos, híbridos, formais e informais, organizados e abertos, intencionais e não intencionais (MORAN, 2018, p. 3).



Dessa maneira, concebemos a ideia de que, em um primeiro momento, precisamos realocar nossa posição de educadores e estarmos sempre abertos a novas experimentações, sem perder de vista que as crianças e jovens têm muito a nos oferecer e, portanto, colaborar com nossas visões sobre nossa profissão. Não se trata de descaracterizar o papel do professor e do aluno, mas sim promover uma pedagogia em que todos possam ser valorizados e protagonistas de suas próprias ações.

3 O USO DO *SMARTPHONE* NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: RELATANDO A EXPERIÊNCIA

Conforme relatamos, a classe era composta por 28 alunos do ensino fundamental I e grande parte deles apresentava defasagens de leitura e escrita sem contar o pouco envolvimento com a resolução das atividades propostas. Muitos deles perdiam o foco durante a realização das tarefas e isso quando não pegavam o aparelho celular para se comunicarem com os colegas ou até mesmo com os próprios familiares.

Após afinar as ideias coletadas durante a reunião com os demais colegas, eu e a coordenadora realinhamos e redefinimos nossas ações para que o trabalho acontecesse a partir do segundo bimestre. Assim, todos os pais e/ou responsável foram comunicados e, nesse sentido, ficamos muito surpresos, pois ninguém se opôs à proposta de utilização do *smartphone* como recurso pedagógico. Pelo contrário, houve um responsável que, inclusive, elogiou para a coordenadora, em conversa telefônica, a estratégia de usar essa ferramenta com a finalidade de promover conhecimento.

Assim, definimos que, logo de início, os estudantes precisariam conhecer os objetivos do uso do *smartphone* e, ao mesmo tempo, estabelecer com eles algumas regras de conduta para que nossos objetivos fossem alcançados ao final do bimestre. Logo, a coordenadora foi convidada para apresentar junto comigo a proposta de trabalho que seria desenvolvido nesta classe. Por fim, reiteramos as regras de comportamento e a responsabilidade durante a utilização do *smartphone*. Ao final, fomos questionadas por um dos alunos acerca de como participaria das aulas, sendo que ele não tinha esse recurso. Então, respondemos que todo o trabalho seria desenvolvido em grupo. Reiteramos que se trata de uma prática ocorrida em 2019, momento anterior à pandemia, portanto sem necessidade de distanciamento.

Quanto à metodologia empregada, optamos pelas metodologias ativas, pois “[essas] são caminhos para avançar mais no conhecimento profundo nas competências socioemocionais e em novas práticas” (MORAN, 2015, p. 01). Acreditamos que promover uma aprendizagem baseada nos princípios de autonomia, pesquisa e cooperativismo seja o propósito de todo educador e, nesse sentido, reconhecemos a potencialidade dos artefatos tecnológicos, no caso o *smartphone*.

Dessa forma, estabelecemos que aqueles que dispunham de internet iriam se sentar com aqueles que não possuíam. Para tal, também recorremos à estratégia do agrupamento produtivo, para



que o nível cognitivo de cada integrante não destoasse a ponto de um ou outro se sentir desmerecido ou pouco importante. Inicialmente, trabalhamos a ferramenta de busca de maior acesso na internet, ou seja, como pesquisar o sentido das palavras no *Google*. *A priori*, pode parecer uma atividade muito simples para o 5º ano, contudo pudemos constatar o contrário, uma vez que nem todos sabiam explorar essa plataforma e suas facilidades. Então, solicitamos que aqueles alunos que já sabiam sobre esse recurso, compartilhassem com os outros colegas, inclusive, relatando em quais momentos faziam uso.

Assim, durante as aulas os alunos passaram a contar com o *Google* como ferramenta indispensável para pesquisa. Com o passar do tempo, um deles me disse que em vez de pesquisar no *Google*, poderíamos baixar aplicativos de dicionário. Foi então que lhes apresentei o aplicativo de busca *Play Store*³ e por meio dele pudemos selecionar alguns dicionários que poderiam nos servir de material de apoio. Logo, notamos que muito da capacidade em operar com as tecnologias quando se trata de crianças e jovens não condiz com a realidade, pois sem orientação e os devidos encaminhamentos, nem todos conseguiriam chegar até aquele ponto da aprendizagem.

Ao retornarmos das férias de julho para o terceiro bimestre, fui chamada pela coordenadora para descrever como foi o uso do *smartphone* em sala de aula, expondo se a prática adotada havia se refletido na aprendizagem e se valia a pena continuar. Após relatar a experiência, a coordenadora disse que seria muito positivo continuar, porém promovendo outros desafios como forma de demonstrar às crianças o potencial dessa ferramenta quando utilizada adequadamente.

Desse modo, avançamos nos objetivos de uso do *smartphone*, ampliando as possibilidades de utilização desse artefato. Em um determinado momento, um dos alunos perguntou se eu conhecia um determinado filme ao qual havia assistido e gostaria de me recomendar, mas não se lembrava do título. Nesse momento, aproveitei para trabalhar com eles a pesquisa por meio de palavras-chave com o objetivo de evidenciar que o *Google* trata-se de um compêndio virtual onde praticamente podemos encontrar tudo.

Na sequência, pedi que todos se reunissem em grupos e solicitei para que o estudante nos falasse um pouco sobre a história/enredo do filme. Em seguida, perguntei à classe quais trechos descritos pelo aluno seriam os mais importantes para a compreensão da obra. Desse modo, elenquei na lousa três excertos que poderiam ser fundamentais para o processo de busca na plataforma *Google*.

³ A Google Play Store — ou simplesmente Play Store, como é popularmente conhecida — é a loja de aplicativos oficial do Google. É por ela que os usuários Android podem fazer download de apps de forma gratuita ou paga — ou, ainda, baixar um programa gratuitamente, mas usá-lo mediante pagamento de assinatura. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2020/10/o-que-e-google-play-loja-de-apps-do-android-oferece-filmes-e-livros.ghtml>. Acesso em: 22 set. 2021.



Logo depois, solicitei que aqueles que estivessem com internet entrassem no *Google* e no campo de busca digitassem um dos trechos.

Eles se surpreenderam com as inúmeras possibilidades de filmes que apareceram. O aluno responsável por desencadear toda a atividade nos disse que não era nenhum daqueles filmes que apareceu. Então, falei que precisaríamos consultar cada uma das páginas mostradas, mas logo as crianças perceberam que seria um trabalho muito penoso. Nessa etapa, falei da necessidade de refinarmos a pesquisa, ou seja, deveríamos ser mais objetivos com as palavras no campo de busca. Novamente, voltamo-nos para a lousa e escolhemos apenas palavras que pudessem nos ajudar a encontrar o título do filme.

Por fim, após a discussão, retomamos a busca e, nesse momento, o aluno achou o filme o qual havia assistido e que gostaria de me recomendar. Pedi para ele que lesse as informações sobre a obra de modo a compartilhar conosco o enredo da trama. Nesse dia, a aula foi extremamente produtiva, todos participaram e tiveram seu espaço de fala, inclusive, sugerindo novos filmes para os demais colegas.

4 REFLEXÕES ACERCA DO USO DO *SMARTPHONE* A PARTIR DO USO DE METODOLOGIAS ATIVAS

Utilizar as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) é de suma importância na atualidade. Todavia, sabemos dos inúmeros desafios acerca da infraestrutura das escolas de nível básico, sobretudo, as públicas. Muito se fala a respeito dos recursos tecnodigitais no processo de ensino e aprendizagem, mas nem sempre encontramos as instituições devidamente paramentadas e prontas para a efetivação de ações mais arrojadas com a realidade de nossos alunos.

Durante a implementação da prática de uso do *smartphone*, alguns colegas me questionavam sobre a monitoração dos aparelhos e se eu não me sentia insegura quanto ao acesso dos alunos a outros sites ou possíveis dispersões. Sempre respondia amparada em estudos e pesquisadores como Rojo e Moura (2019) e Moran (2018) que falam da necessidade dos educadores tornarem as ferramentas tecnológicas suas aliadas diante das demandas educacionais do século XXI. Sabemos que ainda se trata de inovações e, portanto, muitas incertezas ainda nos assolam, tornando o processo de ensino e aprendizagem totalmente desafiador.

Por outro lado, houve professores que sentiram a necessidade de relatar durante nossas reuniões o avanço da classe que agora parecia mais engajada, mais responsável e ciente da função do *smartphone* durante as aulas. A coordenadora também descreveu algumas falas de alguns pais, dizendo que os filhos passaram a utilizar o aparelho não apenas para diversão, mas também para estudar e aprofundar os conhecimentos. As avaliações internas puderam comprovar esse avanço e os



próprios estudantes comentavam sobre seus êxitos, reconhecendo a sua evolução do início do ano até aquele momento.

A nosso ver, a prática foi extremamente exitosa, tendo em vista que esses alunos tiveram a oportunidade de se tornarem sujeitos ativos e protagonistas de sua aprendizagem, desvencilhando-se do papel passivo e receptor de informação que, infelizmente, ainda persiste na educação. Não descartamos ao longo deste relato de experiência os obstáculos, principalmente, aqueles de infraestrutura, que mesmo em meio a uma cultura altamente tecnológica e digital ainda, ainda dificultam muito a implementação de uma aprendizagem mais coerente com as transformações de mundo vigentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Promover uma educação de qualidade requer do educador, não apenas competências teórico-metodológicas, mas também um olhar crítico sobre o contexto em que atua. As crianças de hoje vivem em um mundo onde a virtualidade é a principal característica e as relações passam pela mediação da tela. Desse modo, não podemos concentrar nossos esforços em manter práticas pedagógicas que pouco podem auxiliar os estudantes de hoje em suas vivências e inserção em práticas sociais.

As transformações sociais, dos últimos tempos, trouxeram à tona muitos aspectos que precisam ser (re)pensados pelas instituições de ensino de modo que os muros da escola não se mostrem impermeáveis aos avanços de uma sociedade totalmente digital e dependente de recursos móveis como, por exemplo, o *smartphone*. Concebemos, neste relato, a utilização de metodologias ativas aliada aos recursos digitais como uma das muitas possibilidades de se construir conhecimento. Não tivemos a intenção, em nenhum momento, de transmitir uma receita ou passo a passo efetivo para o processo de aprendizagem, pois acreditamos que por se tratar de um tema muito complexo cada local exige dos profissionais novas estratégias e ações, respeitando sempre a realidade de cada escola.

Não podemos deixar de citar, neste trabalho, a atual conjuntura da educação em que grande parte das instituições vivencia a implementação do ensino emergencial remoto em virtude do distanciamento sanitário imposto pelas autoridades públicas. Diante disso, temos observado inúmeros debates e formações acerca das possibilidades ofertadas pelas metodologias ativas e, principalmente, no vasto potencial das TDIC. Nesse sentido, podemos dizer que muitos profissionais têm buscado ressignificar suas práticas, buscando nos recursos tecnológicos instrumentos capazes de minimizar as perdas, tendo em vista o distanciamento socio-sanitário. Por fim, vislumbramos, por meio deste breve relato, suscitar novos diálogos, novas reflexões e novos rumos para a educação em nosso país.



REFERÊNCIAS

MORAN, J. M. Educação Híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje. In: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. (Orgs.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

MORAN, J. M. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, L.; MORAN, J. (Orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**. 1. ed. Porto Alegre: Penso, 2018. p. 02-25.

ROJO, R.; MOURA, E. **Letramentos, mídias e linguagens**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

SEVERO, C. E. P. Aprendizagem baseada em projetos: uma experiência educativa na educação profissional e tecnológica. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, v. 2, n. 19, p. 1-13, 2020. Disponível em:

<https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/6717>. Acesso em: 22 set. 2021.



CÉLIA APARECIDA REGINATO

Mestranda em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus de Marília/SP. Possui Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus de Marília/SP (2001). Possui Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* - Especialização em Coordenação Pedagógica pela Universidade Federal de São Carlos em parceria com o Ministério da Educação - Programa Escola de Gestores da Educação Básica (2016). Especialização Pós-Graduação *Lato Sensu* em Gestão e Docência na Educação Básica pela Universidade Santa Cecília em parceria com o IFGE - Instituto de Formação e Gestão Educacional (2013); Habilitação Específica de 2º Grau para o Magistério pelo Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento para o Magistério - CEFAM (1994).

PAULO ALEXANDRE FILHO

Graduação em Letras - Alemão pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP - Câmpus de Assis. Mestrado em Letras, na área de concentração de Linguagens e Letramentos, pela UNESP - Câmpus de Assis. Atualmente, professor efetivo do Quadro de Magistério, na Secretaria Estadual de Educação - SP, para o componente curricular de Língua Portuguesa. Doutorando em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP - Câmpus de Marília. Desenvolve seu doutorado na linha de pesquisa Teoria e Práticas Pedagógicas em que a tese focaliza os estudos de natureza teórico - metodológica, relacionando-se com as diversas áreas do currículo da Educação Básica e Superior, em especial, com a Didática, a Metodologia, a Psicologia, a Linguística e as políticas educacionais no Brasil. Participa do grupo de pesquisa TECLIN - Tecnologias, Culturas e Linguagens, coordenado pelo professor Dr. Fábio Marques de Souza (UEPE). Tem experiência na área de Linguagens e Letramentos.

Artigo Recebido em 25/09/2021

Aceito para Publicação em 30/01/2022

Para citar este trabalho:

REGINATO, Célia Aparecida; FILHO, Paulo Alexandre. METODOLOGIAS ATIVAS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL I: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O USO DO SMARTPHONE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM Revista Paidéi@, UNIMES VIRTUAL, Volume 14, Número 25, Jan.2022. Disponível em:

<https://periodicos.unimesvirtual.com.br/index.php/paideia/index>